

O SENTIDO DO EU E A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

“ Porque surgirão falsos
cristos e falsos profetas, e farão tão
grandes prodígios e milagres que,
se possível fora, enganariam até os
escolhidos.

Mateus 24:24”

A IMPORTÂNCIA DESTE SENTIDO NA ÉPOCA ACTUAL

Embora seja necessário ao ser humano aprender a usar todos os seus sentidos da melhor maneira possível, na época que estamos vivendo – a era da consciência - o sentido do eu é sem dúvida o mais importante para o estabelecimento de relações diferentes, conscientes, com o nosso semelhante.

O sentido do eu não é, como poderia parecer, o sentido da nossa própria individualidade, mas sim a capacidade de perceber a individualidade do outro, no encontro entre dois seres humanos. É ele que nos permite vivenciar, com as pessoas que vamos encontrando ao longo da vida, os encontros determinantes nas nossas diferentes etapas. É com este órgão sensorial que estabelecemos entendimentos mútuos, que nos podem levar a identificar a missão de cada um de nós, nesses encontros. Para isso, o morador de uma casa terá de se permitir conhecer o seu vizinho. Porque também é com este sentido que entramos em conflito, em guerra, em desentendimento com os outros...

Para que se dê o encontro entre dois seres humanos duas condições são necessárias:

1ª Condição:

- A atividade de um eu emissor e a do próprio eu receptor.

Nunca chegaríamos ao conhecimento de nós próprios sem a experiência prática de que cada pessoa, embora sendo um ser humano como eu, é no entanto absolutamente diferente de mim. Não nos seria possível formular a nossa palavra, ter o nosso conceito de “ser” sem a constante percepção dos nossos congêneres. Poderíamos mesmo chamar também ao sentido do eu o “sentido do ser”.

Fala-se hoje muito do carisma de um indivíduo, da sua “radiação” mas há diferentes tipos de carismas, e cada pessoa poderá, ou não, reconhecer essa particularidade no outro.

Dois exemplos:

- o professor que na escola dá uma aula a vários alunos pode ter na sua frente um deles que o olha fixamente e parece estar totalmente atento, tomando notas mas que, no final, se percebe que esteve como em sonhos e não terá aprendido nada com essa aula; outro aluno, aparentemente distraído, brincando com o seu lápis, vem a provar-se, mesmo muito mais tarde, que aquele professor teve uma enorme influência nele, porque estava aquele aluno estava desperto e presente.

- Um dos mestres de Steiner era o germanista Karl J. Schröer que, gradualmente foi tendo cada vez menos participantes nas suas palestras até que acabou por ficar só e Steiner que o acompanhou a casa. Aí o mestre deu-lhe a conhecer os “Oberuferer Spielen” que hoje em dia são representados todos os anos nas escolas Waldorf: “Do Paraíso”, “Do nascimento do Menino Jesus” e “Dos Reis”. Teria Schröer carisma? Para Steiner certamente que sim, para os outros não.

Com estes exemplos confrontamo-nos com o problema vital em toda a sua envergadura. Estaremos nós de facto sempre tão presentes quanto necessário para nos apercebermos da presença dos outros? Por certo que não quando dormimos, quando somos sonâmbulos, ou quando estamos em pânico, numa grave depressão ou em delírio. E, com certeza, não estamos presentes se estivermos alcoolizados; aí tudo perde a autenticidade. Quantas drogas, quantos medicamentos são consumidos à conta de se estar presente! Quantas pessoas estão presentes entre os milhares que assistem a um jogo de futebol? Quantas pessoas estão presentes numa manifestação de massas, seja ela de índole política ou religiosa? Quantas formas de má utilização do tempo, de dispersão, privam o ser humano do seu eu!

Ao nos abandonarmos, sob um estado de hipnose, naturalmente que não estamos presentes. Ao despertar da hipnose a pessoa não se recorda de nada do que viveu. Essa é a forma mais profunda de hipnose mas não esqueçamos que há outras formas mais leves de abandonar o eu. É nelas que se baseiam muitos exercícios de relaxamento. O orientador do grupo fala numa voz monótona, tranquilizadora, dizendo, por exemplo: “Imaginem que estão deitados num prado, maravilhosamente cheio de flores ...” Trata-se de se deixar levar pelas imagens sugeridas, estando os participantes frequentemente deitados e muitas vezes usando gravações. Nos ensinamentos de Steiner jamais encontraremos estes “exercícios de relaxamento”. Os exercícios que ele indica requerem esforço, o aprofundar de um conteúdo valioso, chegando assim a uma trindade: Distensão - Tensão/Esforço - Contração (Voltaremos a este princípio tripartido).

Neste caso trata-se de um esforço espiritual. A interminável repetição de mantras, orações ou lemas é outra coisa. A intensidade é convertida e a pessoa torna-se um moinho de orações

Podia-se falar também do carisma que muitas pessoas acham que irradiava de Hitler mas na verdade, mesmo o seu “criador” Albert Speer dizia que não, que quando ele discursava tinha um olhar ausente; na realidade, parecia que ficava “possuído”. Isso é o que acontece quando o eu está ausente, deixando o lugar vazio para ser ocupado por outra entidade. Tal se passa com a pessoa que se considera médium, pois ao estar ausente permite, em si, a presença de outros seres. Um verdadeiro artista será o oposto. Terá de ser um mediador que tem de estar totalmente presente para promover a presença da obra de arte – como Mozart.

Um rosto desfigurado, por acidente ou doença congénita pode ser também um impedimento ao sentido do eu. O mesmo pode acontecer a uma cara “muito linda” ou a um corpo muito vistoso. Muitos artistas de cinema sofreram as consequências dessa fama de beleza, nunca conseguindo ter encontros reais. O Fausto de Goethe termina com a afirmação: “ O eterno feminino eleva-nos” Resta saber onde se coloca o acento,

se no feminino ou no eterno...No primeiro caso, o sentido do eu não funciona; trata-se apenas da mente do homem corpóreo e mortal. No segundo caso, será necessário recorrer ao sentido do eu.

Já com as crianças acontece que elas exercem muitas vezes uma bendita radiação sobre nós, mesmo sobre aqueles que sofrem de um processo de decadência, como os alcoólicos. Também as crianças com necessidades especiais têm muitas vezes essa radiação luminosa.

Desde o início que as crianças, com poucas semanas, sorriem para a mãe (e olham profundamente os que estão à sua volta)

Em nenhum outro órgão sensorial esta auto presença é condição prévia tão notória para a percepção do outro.

O signo do Zodíaco que corresponde ao sentido do eu é o Carneiro, muitas vezes representado a olhar para trás (para o outro?). [GA208]

2º Condição:

- A presença do eu recetor.

As cores, os sons, os odores, os paladares não requerem por si mesmos uma forte presença do eu. Não é essencial prestar uma atenção total às cores, aos sons e cheiros à nossa volta. No caso do sentido do eu é uma condição prévia absoluta. Quando o nosso interlocutor não nos presta atenção, diretamente, vivenciamos isso como uma falta de cortesia. Em nenhum outro sentido se dá tanta importância a que retenhamos durante tanto tempo o pensar, o julgar e o preconceito.

Quando dizemos “ Que parecido eras com o teu pai” não é uma percepção do sentido do eu. O mesmo acontece quando dizemos que vimos muitas pessoas morrer ou que vimos alguém a dormir. Na realidade vimos só o que é visível, o lado físico. Teríamos de ser clarividentes para ver para além do chorar da criança, para nos apercebermos da imersão do eu no ato da primeira respiração. O mesmo se pode dizer da expiração do que acaba de morrer; não podemos seguir o eu que abandona o corpo. Do mesmo modo que não podemos seguir o eu que se ausenta do corpo adormecido, embora saibamos que ele regressa, ao acordar de novo. Em todos esses casos, vemos só as manifestações físicas simbólicas. Daí as grandes resistências em falar de um eu que existe antes do parto e depois da morte.

O nosso eu encontra-se, pois, oculto em muitos envoltórios. Estamos ligados naturalmente a uma família, um género. Relacionamo-nos culturalmente com um povo, uma língua e pertencemos a uma dada época. **Temos** essas “vestimentas” **mas não somos** elas.

Isso não significa, no entanto, que possamos ignorar todas essas multilateralidades. Podemos sim, ao aprofundá-las, enriquecer o conhecimento de nós próprios. Por exemplo, para compreender a nossa época temos de a inserir no contexto das épocas passadas e, então, nos questionarmos: O que devemos aos nossos antepassados? O que fazer com isso em relação ao futuro? Podemos aprender muito refletindo sobre

esse passado e aprendendo com as experiências negativas a construir um futuro melhor.

Rudolf Steiner, como resultado do seu esforçado trabalho, revela de uma forma abrangente o sentido mais profundo da história na sua obra "Ciência Oculta- Um esboço" [GA013]. Esta obra trata de descrever, em pormenor, a grande importância das épocas culturais: Proto Índia, Proto Persa, Egípcia, Greco Romana e, da participação de todas elas - cada uma com uma duração de 2160 anos - na formação da nossa alma. (...)

Cada época tem os seus aspetos renovadores e também decadentes. A época atual é uma etapa notável no desenvolvimento da alma humana, a que R. Steiner chamou "a época da alma da consciência" (1413-3573). Uma época nunca começa de repente, a época anterior ainda tem os seus efeitos nos tempos que vamos vivendo, mas as características típicas da alma da consciência são já bem visíveis. Poderíamos caracterizá-la da seguinte maneira: perdeu-se todo o apoio exterior. Uma forma certamente de o reconhecer reside no facto de o ser humano não encontrar já o seu apoio na fé. (...) Também no facto de que está a desaparecer a importância da hierarquia e da classe social e não se sabe que profissão escolher. Igualmente se deixou de dar importância ao apelido (ao nome de família?), o que significa que as pessoas são cada vez mais remetidas para o seu próprio eu. Esta individualização leva, irreversivelmente, para uma maior solidão. A partir disso poderemos compreender melhor que o quereremos libertar dessa solidão tem um papel cada vez maior na vida de hoje. É a busca de um novo suporte, de uma nova identidade, em grupos de diálogo, manifestações de massas, seitas, etc.. Estranhamente a isso também se opõe, frequentemente, o dar grande valor a um título. O ser uma pessoa famosa, uma autoridade, mas também um médico, um advogado, um juiz, é o bastante para se gozar de prestígio. Isso, naturalmente, que pode conduzir à prática do abuso. Este facto impede a imparcialidade indispensável ao sentido do eu.

Trata-se então de despertar "a consciência histórica". Só se pode edificar o futuro com uma base bem firme no passado. Nada se pode edificar sobre escombros. A história não começa com Napoleão e muito menos com o "estampido original" (o Big Bang). Será possível indicar com exatidão quando se produziu o tal "estampido"? (Não foi há milhões de anos atrás, foi só recentemente, neste século, no cérebro de uns quanto super-sábios, portanto tal como um bebé de incubadora somente com tratamento artificial pode levar a cabo a sua existência).

Podemos vivenciar a pequenez do nosso ser através do estudo da história de grandes figuras. Isso não serve para nos levar a tomá-los como modelos, mas sim serve para desenvolvermos o sentido do eu. Estas grandes figuras não só eram produto da sua época como também eram recetivos, no respeito à noção de tempo sem tempo, ao eterno. Com toda a razão se fala do eterno nas obras dos grandes pensadores, nas obras de arte, em vivências religiosas, nas celebrações da eucaristia. Na vida quotidiana podemos aprender a apercebermo-nos do nosso cônjuge, não apenas com "o meu marido" ou "a minha mulher" mas também como um eu de um ser humano. Do mesmo modo podemos superar o vínculo das relações familiares ao considerarmos os nossos filhos como seres próprios, livres de toda a hereditariedade.

Como temos vindo a afirmar, a defesa do desenvolvimento do sentido do eu está hoje ameaçado por muitos lados. Neste mundo conflituoso, o melhor será apoiarmo-nos no estudo de Aristóteles sobre a alma.

Aristóteles não parte de polaridades como, por exemplo, ser covarde por oposição a ser valente, mas sim de uma trindade: Covarde-Valente-Fanfarrão

Outros exemplos:

Ódio-Amor-Amor exagerado (Idolatração?)

Criminoso - Santo, devoto- Hipócrita

Gritar- Argumentar-Insinuar

Incredulidade-Fé-Superstição

Conservador-Presença de ânimo- Radical

Estar acima – Integrar uma comunidade espiritual – Alienar-se

Vou explicar algumas das contradições: “Gritar” aqui também significa “ querer convencer à força”, publicidade estridente, roupa espalhafatosa, ostentação, “glamour”, perfumes, chocar, etc.. “Insinuar” também significa a difusão sub-reptícia, escondida, da publicidade; igualmente o emprego de belas frases moralizadoras como: “O homem é um ser único”, “Devemos ingerir alimentos naturais”, ou o “O homem deve ser educado para converter-se num ser social”. Acontece que dizer “ o quê” é simples, mas que sucede com o “como”?

O ideal adquire um significado somente quando a sua realização está alinhada com esse ideal. R. Steiner fornece padrões completamente inesperados quando explica que a educação da criança, para que se torne num ser social, deve ser iniciada com a aprendizagem do cálculo, não com a soma. Esta, justamente, promove o egoísmo. Este é um exemplo, em relação ao qual a realidade, na maioria dos casos, atua de forma a prejudicar o ideal. O ensino do cálculo deveria começar pela divisão, pela repartição. A mãe da criança, dá o exemplo, para o caso em questão, ao dividir a comida em porções iguais. Assim, nasce o elemento social. Podemos encontrar mais sobre este assunto nas conferências pedagógicas de R. Steiner.

“Superstição”: Acreditam em milagres (imagens de santos que choram, homenzinhos marcianos que desenham triângulos, faquires, taumaturgos, mágicos que tiram anéis do nada...) Sob a ideia de superstição temos de entender também o que há quanto a imagens muito sublimes que são interpretadas de forma superficial e materialista, i.e.: anjos com asas, Deus como um velho sábio de longa barba e os milagres, como a transformação da água em vinho, o andar sobre as águas, a alimentação dos cinco mil, e o aparecer sobre uma nuvem. O incrédulo rapidamente tem tendência a ridicularizar estes factos. Na maioria dos casos esses burlões têm pouco conhecimento de si mesmos e depressa se darão conta de que se estão a enganar a si próprios. (...)

No caso de “estar acima “ trata-se de alguém que se julga predestinado, como acontece nas seitas, no fanatismo ou em pessoas com condecorações importantes. Na fé, para as majorias, trata-se do princípio de quem tem a maioria tem razão...

Sob a designação “comunidade espiritual” podemos entender que se trata de um grupo de pessoas que se juntam em volta de um ideal comum. Por exemplo, pela proteção da natureza, a preservação de bens culturais ou de obras de arte. Ou, com uma maior orientação para o futuro, como: renovações pedagógicas, artísticas ou sociais, impulsos religiosos, o desenvolvimento de uma Ciência Espiritual. Neste contexto caem bem as palavras de Goethe acerca de forjar laços socio-espirituais: “A sociabilidade era própria à minha natureza, razão pela qual obtive colaboradores em diversos empreendimentos, aprendendo a ser colaborador deles e assim alcançando a sorte de poder prosseguir a minha vida neles e eles em mim” (aforismos em prosa).

Como última e muito importante trindade eu refiro: o “solitário” (o doido, o autista) - o “artista da vida “ – o “amigo de todos”. Ao ler a autobiografia de Rudolf Steiner chama a nossa atenção o grande número de pessoas com as quais se encontrou e que frutíferos foram esses encontros para ele. A quantidade de encontros é quase inimaginável se adicionarmos o que ele refere sobre isso nas suas conferências e em outras obras. Em tudo isso se pode encontrar uma enorme riqueza de material, relativa à arte de viver. Para além de grande mestre, Rudolf Steiner foi um excelente aluno e um aprendiz exemplar.

Quando se dá um encontro, é muito importante compreender que o ser humano desempenha diversos papéis. Conhecemos uma pessoa de diferentes maneiras, se se trata de uma relação profissional ou de fazer parte do mesmo círculo de amigos. O professor obtém uma impressão da criança completamente diferente ao acompanhá-lo numa viagem de estudo para além de o conhecer unicamente na sala de aula. Por isso mesmo, é importante trocar impressões com outros, acerca da forma como se percebeu uma determinada pessoa. Só assim nós damos conta da forma unilateral como nos apercebemos dos outros. Mesmo quando temos um bom casamento, podemos aprender muito conhecendo a relação que outras pessoas têm no seu casamento. Todos conhecemos o sentimento de tristeza quando morre alguém, só então descobrindo quão fortes e íntimos eram os laços que nos uniam a essa pessoa.

Há um perigo que não deve ser subavaliado no que respeita ao sentido do eu, que é o de converter o encontro humano numa espécie de jogo de xadrez. Isto pode acontecer, por exemplo, quando dizemos: Quando o outro disser isto, eu vou contrapor aquilo; e quando ele disser essa outra coisa eu vou lançar-lhe isto”. Nunca devemos pré-estabelecer o que vai acontecer num encontro. O mais perigoso, no entanto, é utilizar como fundamento o elemento da fraternidade, por mais social que isso possa parecer. Acordamos, nesse caso – e em muitos grupos isso tem um papel muito importante – em sermos sempre muito cordiais uns com os outros, em nos ajudarmos mutuamente, nunca discutir, aceitar todas as opiniões tal como são. Poderá existir ideal melhor do que este? O slogan aqui é: “pensamento positivo”. Neste caso, se a causa do litígio está no sentido do eu, permaneceremos dentro de um clima de união que se basta a si mesmo. Os impulsos evolutivos, de um eu para o outro eu, ficam assim aplanados, convertendo-se em prazer para cada uma das partes. Não há lugar a qualquer desenvolvimento. Trata-se somente de uma espécie de atordoamento

mútuo. Por outro lado, quando alguém nos trata com rudeza, fazemos logo um julgamento: “Agora sim, descobre-se quem é o seu ser, na realidade!” Seria melhor pensar: “ Neste momento é-me difícil suportar a sua presença, agora não consigo perceber o seu ser corretamente. Tenho de esperar por outra ocasião.”

Esta nossa exposição ainda necessita de uma última explanação para a pergunta: Enquanto ser humano onde estamos nós? Tendemos a responder simplesmente: Ora bem, estamos aqui sobre a Terra. Esta palavra “aqui”, “neste lugar”, dará realmente a resposta?

Ao tratarmos do primeiro órgão sensorial, o sentido do tato, assinalámos que esta sensação de “aqui”, este sentimento corporalmente limitado, deve-se unicamente a esse órgão sensorial. Naturalmente que é necessário o apoio dos olhos. Também se pode dizer que o conceito de encarnação, “o estar na carne”, só se aplica a este órgão sensorial. Somente quando pomos de lado essa experiência do sentido do tato, chegamos a uma resposta mais adequada. Não existimos num espaço externo, mas apenas num determinado estado de consciência interior, num determinado âmbito de consciência. Justamente, por isso mesmo, falamos de um “mundo” da alma e do “reino” do espírito. Cada órgão sensorial dispõe de um determinado campo de consciência.

Como almas humanas somos dotados de um discurso que tanto utilizamos para as coisas normais da vida, como o podemos utilizar para as vivências interiores mais abaladoras. Nesse caso, damos a essa expressão o qualificativo de “simbólico” ou “sentido figurado”. O nosso corpo tem um determinado tamanho. Mas quando dizemos “foi um grande homem” deixa de ter sentido qualquer parâmetro terreno. O que comemos possui um peso determinado. Mas quando alguém tem de utilizar um argumento de peso, não pedimos que nos digam qual a “quantidade de quilos”.

Outros exemplos: devorar a matéria (escolar), devorar o conteúdo de um livro, duas opiniões contrárias, estar frente a um abismo. Temos de refletir sobre tudo isto; é importante para gradualmente vencermos o materialismo. E é necessário para purificar o sentido do eu. Posso perceber que aqui, na minha frente, está um eu. Este eu, contudo, não deve ser entendido como estando “aqui” ou “lá”, num sentido externo. Como turistas, podemos ficar parados, frente a um abismo, como algo de grandioso. Mas um abismo interior é, de facto, abismal. Outras expressões, como as já mencionadas – Deus Pai com uma longa barba, anjos alados, Cristo caminhando sobre as águas – somente podem ser entendidas em sentido figurado e, não no sentido exterior, materialisticamente.

Desde o começo da era da alma da consciência que nos encontramos no mundo de uma nova maneira. Por causa das viagens dos descobrimentos tornou-se notório que todos os seres humanos do mundo estão colocados entre o centro da Terra (a Terra como globo) e o espaço do céu. Deste modo começamos a compreender que há duas responsabilidades interrelacionadas: a responsabilidade de cada um perante o outro e de todos perante a natureza, a Mãe Terra. O germen, a essência de tudo isto, que expressamos com o “cristianismo”, está resumido na palavra de Cristo: “Pai Nosso, que estás nos céus” [Mt6:9]. Este não é o pai de quem herdámos um corpo, mas sim o Pai espiritual do nosso eu, que todos “somos” e não que todos “temos”. O singular, o

incomparável, o que não foi herdado. O ideal da irmandade espiritual provém dessa responsabilidade frente ao pai, tal como o dizemos no “Pai Nosso”, ao nosso pai espiritual. E o respeito e o cuidado para com a natureza deve-se à nossa responsabilidade para com a Mãe Terra, tal como o diríamos numa “Mãe Nossa”, à nossa mãe espiritual, uma vez que a Terra, também ela é um ser espiritual.

O mais precioso exemplo de um despertar entre um e outro vamos encontra-lo, historicamente, no ano 33 da era cristã, quando Jesus Cristo e com eles dois malfeitores, foram pregados na cruz. Ali se submeteu, à prova máxima, o sentido do eu, o sentido do ser.

Um dos malfeitores blasfemou: “Acaso não és o messias? Então salva-te e salvamos!” O outro malfeitor, contudo, repreendeu-o dizendo: “Acaso não tens respeito a Deus, mesmo sendo tu também condenado? E, no nosso caso, com toda a razão, pois recebemos o merecido castigo pelos nossos atos, mas este, porém, nada fez de errado.” E acrescentou “ Jesus, pensa em mim, quando chegares ao teu reino. “ Ao que Jesus lhe respondeu: “Em verdade te digo: Hoje estarás no paraíso comigo” [Lc. 23:39-43]

Ali está contido o mandato, a encomenda, de purificar o sentido do eu. Trata-se de um longo caminho: ser capaz de superar a raiva, apoiar alguém, carregar o fardo do outro, aliviar-lhe a carga, perdoá-lo, amá-lo ainda que seja o nosso inimigo. Somente Cristo, dentro de nós, nos permite percorrer esse caminho. Dado que, assim o afirma a Doxologia (glorificação), que é com ela que a cristandade, a partir do sentido do eu, dá resposta na oração que lhe foi concedida: **“....Porque teu é o reino, e o poder, e a glória, para sempre. Amém.”**

Neste curso tratámos de uma série de órgãos sensoriais. No essencial, foi um caminho evolutivo, desde o sentido do tato até ao sentido do eu. Com o sentido do tato despedimo-nos da nossa origem, do Paraíso, do Jardim de Éden. Com o sentido do eu encontramos-nos com os outros, com as nossas co-irmãs e co-irmãos, com os quais devemos fundar a nova cultura: a Santa Sé, a Nova Jerusalém, que irá descer do céu, a nova Mãe Terra, a Prometida de Cristo, o Cordeiro.

Cristina Coimbra Segundo Albert Soesman

Lisboa 12 de junho de 2016.